

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ÉRICA BEZERRA LIMA

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: Os impactos da violência
psicológica na saúde mental da vítima**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

ÉRICA BEZERRA LIMA

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: Os impactos da violência psicológica na saúde mental da vítima

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profa. Me. Jéssica Queiroga de Oliveira

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

ÉRICA BEZERRA LIMA

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: Os impactos da violência
psicológica na saúde mental da vítima**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso de ÉRICA BEZERRA LIMA.

Orientador: Profa. Me. Jéssica Queiroga de Oliveira

Data da Apresentação: 15/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Me. Jéssica Queiroga de Oliveira

Membro: Profa. Me. Moema Alves Macedo/UNILEÃO

Membro: Profa. Me. Indira Feitosa Siebra de Holanda/UNILEÃO

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: Os impactos da violência psicológica na saúde mental da vítima

Érica Bezerra Lima¹
Jéssica Queiroga de Oliveira²

RESUMO

A violência contra a mulher é um grave problema de saúde pública, que possui diversas manifestações, sendo encontrada de forma mais recorrente a física, sexual e psicológica. Essa última é constituída por ameaças, xingamentos, humilhações e atos que visam causar danos à imagem e integridade da mulher. O objetivo geral deste trabalho buscou compreender como a violência psicológica cometida contra a mulher pelo cônjuge impacta na saúde mental da vítima. O método empregado, compreendeu a utilização de fontes bibliográficas, onde se realizou leitura e análise de trabalhos científicos que fundamentassem de forma clara a respeito da violência psicológica, a pesquisa é do tipo exploratório e qualitativa. A violência doméstica contra a mulher é um fenômeno que vem sendo estudado há anos, que necessita de visibilidade em razão de sua gravidade. A violência psicológica é ainda mais invisibilizada, dificilmente sendo reconhecida pelas vítimas, gerando o problema da subnotificação. Os resultados apresentaram que os impactos na saúde mental da vítima de violência psicológica se relacionam a baixa autoestima, depressão, estresse pós-traumático, ansiedade e prejuízo nos relacionamentos. Ademais, causa ainda grandes impactos na saúde e qualidade de vida. Portanto, urge, que novas pesquisas sejam realizadas a fim de melhor compreender o problema e enfrenta-lo, levando em consideração a relevância do tema e suas implicações para a sociedade.

Palavras-chave: Violência doméstica. Violência contra a mulher. Violência psicológica. Saúde mental.

ABSTRACT

Violence against woman is a serious public health problem, which has several manifestations, being found most recurrently the physical, sexual and psychological. The latter consists of threats, insults, humiliation and acts that aim to damage the woman's image and integrity. The general objective of this study sought to understand how psychological violence committed against a woman by the spouse impacts the victim's mental health. The method used, comprised the use of bibliographic sources, where there was a reading and analysis of scientific works that clearly substantiated psychological violence, the research is exploratory and qualitative. Domestic violence against women is a phenomenon that has been studied for years, which needs visibility due to its seriousness. Psychological violence is even more invisible, hardly being recognized by the victims, generating the problem of underreporting. The results showed that the impacts on the mental health of victims of psychological violence are related to low self-esteem, depression, post-traumatic stress, anxiety and loss in relationships. Furthermore, it also causes major impacts on health and quality of life. Therefore, it is urgent that further research be carried out in order to better understand the

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: erycabezerra@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: jessicaqueiroga@leaosampaio.edu.br

problem and face it, taking into account the relevance of the topic and its implications for society.

Keywords: Domestic violence. Violence against woman. Psychological violence. Mental health.

1 INTRODUÇÃO

São diversos os problemas encontrados que surgem como consequência da violência contra a mulher, apresentando-se como de ordem física, psicológica, emocional e social. Estes afetam a saúde da mulher como um todo, trazendo prejuízos de curto, médio e longo prazo, que muitas vezes acabam por debilitar a autonomia da mulher e sua integridade, e até resultar em sua morte (NETTO *et al.*, 2014).

A violência doméstica acontece de diversas formas, seja pela agressão física, psicológica, moral, dentre outras tipificações, que visam obrigar a mulher a submissão, e a continuar na condição de vítima. O tipo de violência de que se trata este trabalho, a psicológica, é vista com caráter de invisibilidade, tornando-se muitas vezes de difícil identificação.

Dessa forma, este trabalho busca uma compreensão dos impactos na saúde mental da mulher vítima de violência psicológica, no âmbito doméstico, respondendo a seguinte pergunta: Quais os impactos da violência psicológica na saúde mental da vítima? Com isso, busca-se compreender nesse trabalho, as principais características do tipo de violência mencionado, trazendo em seguida uma discussão dos impactos na saúde mental da vítima.

A violência psicológica, geralmente é o tipo em que as mulheres mais sentem dificuldade em se reconhecerem enquanto vítimas, visto que este tipo de violência é frequentemente associado a outros fatores que não a ocorrência da violência em si e a sentimentos. Esse tipo de violência é principalmente responsável por acarretar nas vítimas um adoecimento mental, sendo possível que a vítima tenha depressão e outros transtornos de ordem psíquica, além de resultar em isolamento social da vítima (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007).

A violência contra a mulher é atualmente um problema de saúde pública. Durante muitos anos, pesquisadores de diversas áreas procuram compreender esse fenômeno, atuar em função da criação de estratégias de prevenção e de acolhimento para as vítimas que sofrem com a violência doméstica. Existem várias pesquisas relacionadas ao tema, havendo um consenso de que embora seja um tema muito pesquisado, poucas mudanças para diminuir a incidência

desse tipo de violência tenham de fato sido consolidadas. O número de vítimas cresce cada vez mais, tornando-se cada vez mais importante se abordar esse tema. Ademais, além das consequências da violência contra a mulher que afetam significativamente a vida da vítima, envolvendo diversos fatores que necessitam ser investigados e compreendidos, e de afetar seu círculo próximo de pessoas, afeta também toda a sociedade (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

Este trabalho surgiu de um interesse decorrente de experiências que tornaram possível observar a banalização do tema, onde a violência doméstica se mostrava de forma estruturada e invisibilizada, posta como algo natural nas relações. Tendo em vista a importância de se legitimar a luta no combate a violência cometida contra mulheres, o presente trabalho também teve seu desenvolvimento em face de trazer contribuições para discussões e realização de outras pesquisas a respeito de um tema de extrema relevância social. A saúde mental da vítima e das demais pessoas que convivem em situação de violência, necessitam de atenção e intervenção, constituindo uma problemática que requer visibilidade e políticas públicas mais eficazes.

O objetivo geral deste trabalho é o de compreender como a violência psicológica cometida contra a mulher pelo cônjuge impacta na saúde mental da vítima. Como objetivos específicos, encontram-se identificar, por meio da literatura os tipos de violência psicológica mais comuns cometidos contra a mulher; compreender como ocorre o processo de adoecimento psíquico na vítima de violência; e discutir, a partir dos dados, os possíveis impactos da violência psicológica na saúde mental da vítima.

2 METODOLOGIA

O método empregado para esta pesquisa, consistiu na utilização de fontes de materiais já publicados, classificando a pesquisa como bibliográfica. O objetivo desse tipo de pesquisa, visa fornecer fundamentação teórica do tema, demonstrando também o nível em que estão os conhecimentos a respeito. A pesquisa foi realizada através de uma revisão bibliográfica, através da leitura de artigos científicos disponibilizados de forma online e gratuita, integralmente, em bases de dados científicos como Scielo – Scientific Electronic Library Online, Google acadêmico e BVS – Biblioteca Virtual em Saúde, que auxiliaram na compreensão do tema estudado. O caráter exploratório da pesquisa, teve como foco obter uma visão mais geral, trazendo também como finalidade uma aproximação do tema estudado, objetivando torná-lo mais explícito para a compreensão. É importante salientar que para a

realização deste tipo de pesquisa, se torna fundamental a investigação cuidadosa das fontes utilizadas, buscando diversas fontes a fim de ter uma melhor compreensão do tema e averiguar a confiabilidade do material (GIL, 2018).

Como estratégia para a busca de trabalhos publicados foram utilizados os seguintes descritores: “Violência contra a mulher”, “Violência psicológica contra a mulher”, “Violência doméstica”, “Saúde mental” e “Lei Maria da Penha”. Como critérios de inclusão, foram utilizados os seguintes: Trabalhos publicados nos últimos 20 anos, em português e disponibilizados de forma integral, com implicações relevantes para esta pesquisa. Como critérios de exclusão: Artigos que se relacionavam a perspectiva do agressor, violência contra crianças e idosos, e trabalhos que não abordassem a violência contra a mulher de forma mais central.

3 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

Segundo Saffioti (2009), o homem, por seu lugar estabelecido socialmente e no patriarcado, exerce um papel que lhe é dado desde o nascimento, possuindo poderes para apontar o que é certo ou errado, os comportamentos e formas de condutas mais apropriados. Com isso, a autora coloca que já lhes é dado também o direito de punir se algo não se apresenta de forma aceitável, como um "desvio" do que é certo.

A "dominação-exploração" de acordo com Saffioti (2009) é pertencente ao gênero masculino, e quando os objetivos relacionados a essa dominação não são atingidos com a eficácia que almejam, entra em cena a violência como forma de se alcançar a submissão. A autora aponta que uma questão importante a ser mencionada, é o fato de que a violência pode ser perpetrada também pela mulher, mas a grande diferença quanto a esta questão é de que a dominação mencionada não é exercida por elas na sociedade.

A forma como a violência cometida contra a mulher foi sendo internalizada e aceita pela sociedade, demonstra uma das bases que sustentam a crescente ocorrência do ato, contribuindo cada vez mais para uma dominação masculina em relação a mulher. Essa questão está diretamente relacionada com a manutenção das relações de poder exercidas sobre a mulher, fazendo com que muitas vezes as mulheres não se vejam como vítimas e como pessoas com direitos, devido a naturalização da violência. Outros fatores também tendem a influir na manutenção desse fenômeno, levando em consideração a sua complexidade (LIRA, 2019).

A violência doméstica é caracterizada por acontecer principalmente no ambiente doméstico, sendo praticada por membros da família da vítima ou conhecidos. Quando se trata de violência doméstica, esta engloba ainda vários tipos, sendo as mais encontradas a física, psicológica e sexual (SILVA; COELHO; CAPONI. 2007). A compreensão do que é a violência e das formas em que essa pode se manifestar, composta por várias tipificações, é uma das medidas que propicia enfrentamento e visibilidade. É importante considerar, que devido a complexidade de tal fenômeno, muitos desafios se apresentam em sua investigação e nas formas de intervenção (GUIMARÃES; PEDROZA, 2015).

A violência contra a mulher difere em muitos aspectos da violência que ocorre contra pessoas em outros ambientes que não o doméstico, principalmente entre pessoas de mesmo sexo que não possuem uma relação. Isso se deve, por exemplo, ao fato de que existe uma maior probabilidade de que a mulher sofra violência causada por alguém que ela já conhece, seja familiar ou cônjuge, do que por um desconhecido. A violência cometida acarreta em várias consequências, podendo culminar na morte da vítima (DAY *et al.*, 2003).

Segundo Cruz e Irffi (2019), o grau de escolaridade e outros dados relativos a situação socioeconômica como os dados referentes a moradia, urbana ou rural, tendem a influir na percepção que as mulheres possuem acerca da violência e do estado de sua saúde, o que influencia na forma como percebem a violência cometida contra elas. Quanto a escolaridade da vítima percebe-se que as mulheres com maior grau de instrução tendem a reconhecer mais quando sofrem violência ou quando presenciaram, sendo fator de relevância também para o quanto essas situações são toleradas por elas. Tais dados, são importantes variantes nas pesquisas a respeito da violência.

Em um estudo realizado por Pedrosa e Zanello (2016) em um Centro de Atenção Psicossocial II com profissionais da saúde, foi observado a partir do relato de alguns profissionais, a rotulação de falas de mulheres que procuram o serviço, atribuindo um caráter de “reclamação” a suas queixas. O sofrimento trazido nas falas dessas mulheres, acaba por passar por uma deslegitimação, banalização de suas demandas, o que contribui para invisibilizar ainda mais as violências sofridas por elas.

Segundo Marcolino *et al.* (2021), durante a pandemia de Covid-19, o distanciamento social, medida adotada para evitar a transmissão do novo vírus, aumentou também os casos de violência doméstica. Em virtude do maior tempo em suas residências, as vítimas passam mais tempo com o agressor, dificultando a busca de ajuda e apoio. A necessidade de se expor, discutir e intervir a respeito da violência doméstica sofrida por mulheres, apontada pelos

autores, é indispensável, atentando-se para não acabar minimizando o problema e contribuindo para a falta de visibilidade que já é gritante.

Em estudo realizado por Correia et al. (2014), a violência doméstica contra a mulher acarreta traumas, incapacitando a vítima, sendo constituída por humilhação e ações que afetam de forma significativa a saúde mental das mulheres, chegando até mesmo a tentativa de suicídio. O estudo aponta ainda para a relação entre a ocorrência da violência doméstica e a ideação suicida apresentada pelas mulheres.

A família da mulher que sofre a violência, filhos ou parentes próximos a ela, também é afetada e adoecida, pois a situação de violência traz prejuízos em várias esferas da vida dos envolvidos, tanto com relação a questões psicossociais quanto a própria saúde mental, o que requer ainda mais atenção para o fenômeno apresentado, visto que quanto mais se permanece dentro do ciclo de violência, maiores são os agravos à saúde (SOUSA; NOGUEIRA; GRADIM, 2013).

Segundo Durand *et al.* (2011), em pesquisa realizada pelos autores, foram obtidos resultados que evidenciam que presenciar e ter uma convivência em um ambiente familiar permeado por violência, podem trazer consequências de cunho negativo para a criança, tanto em relação a presenciar o ato, quanto na própria relação da criança com a mãe que sofre a violência. O comportamento da mulher nessas situações demonstra sintomas depressivos e de ansiedade, que são captados pela criança, tendo repercussão na relação de ambos e no comportamento da criança. Decorrente disso, pode haver o surgimento de dificuldades e transtornos no âmbito emocional, que podem se estender a outros aspectos. Os autores apontam ainda que o comportamento agressivo pode ocorrer em razão da exposição a violência física que a mãe sofre.

Um marco importante no combate a violência doméstica contra a mulher, trazendo visibilidade e iniciativa para o seu enfrentamento, foi a criação da lei Maria da Penha. Essa lei, proporcionou que medidas de prevenção contra essa violência fossem desenvolvidas, além de punir os agressores responsáveis por trazer inúmeros prejuízos a suas vítimas (COUTO *et al.*, 2018). Silveira, Nardi e Spindler (2014), também apontam como uma conquista na luta por legitimação a lei Maria da Penha, pois esta vem para romper com saberes e questões que se mostravam solidificados, combatendo a violência contra a mulher, apontando que é um crime e uma grave violação dos direitos humanos.

Conforme Guimarães e Pedroza (2015), apenas recentemente, a violência contra a mulher passou a ser vista de fato, levando-se em consideração seus agravos e prejuízos as vítimas. A violência contra a mulher é perpassada por diversos aspectos, dentre eles o social,

cultural e o histórico. Esse fenômeno, apesar de estar sendo amplamente discutido nas últimas décadas, tem uma base histórica de longa data, o que causa ainda uma naturalização deste nos dias de hoje. A forma como foi estruturada a sociedade, de forma hierárquica, provocou uma enorme desigualdade de gênero, estando a violência constantemente presente. Quando se trata de violência, as perspectivas das pessoas diretamente envolvidas são de suma importância, visto que a forma como é notada leva a sua identificação e ao entendimento dos processos de subjetivação.

Zaleski *et al.* (2010) apontam que a violência por parceiro íntimo também possui grande relação com o consumo de álcool, principalmente pelo homem, durante o período da violência. Zancan, Wassermann e Lima (2013), pontuam como uma das causas da violência contra a mulher o uso abusivo de substância alcoólica.

De acordo com Conceição *et al.* (2018), existem diferentes formas de se analisar e vários fatores a serem considerados quando se procura compreender o que causa a violência por parceiro íntimo, colocando ainda, a importância de que nas pesquisas, abranjam as percepções, as situações vivenciadas de violência através do olhar das pessoas envolvidas, pois desta forma há uma clarificação das dinâmicas existentes.

4 A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E OS TIPOS MAIS COMUNS COMETIDOS CONTRA A MULHER

As manifestações da violência doméstica quando cometidas pelo cônjuge ou parceiro, não acontecem como um ato isolado, mas surgem de um contexto permeado de controle, abusos e que ocorrem com frequência. Essas manifestações costumam estar repletas de humilhações, e do isolamento da vítima de outras pessoas, o que dificulta o pedido de ajuda ou o reconhecimento da situação de violência, resultando em danos causados fisicamente ou a bens materiais da mulher, também sendo comum que o parceiro a obrigue a práticas sexuais, além dos danos a saúde mental (DAY *et al.*, 2003).

A violência psicológica, abrange as práticas que objetivam causar danos à imagem e integridade da vítima, causando danos para seus relacionamentos e para a sua saúde mental (DAY *et al.*, 2003). Este tipo de violência difere da violência física, por não deixar marcas visíveis no corpo da vítima, sendo algumas manifestações constituídas por ameaças, xingamentos e humilhações. Esse tipo de manifestação de violência doméstica contra a mulher desencadeia sentimentos na vítima como a culpa, fazendo com que ela se coloque em um papel de causadora das agressões ou até mesmo de merecedora da situação (SILVA;

COELHO; CAPONI, 2007). Os autores destacam ainda que a violência psicológica traz diversos prejuízos não apenas para a mulher que a sofreu diretamente, mas também para o círculo próximos de pessoas que o vivenciam junto com a vítima, seja por ter presenciado ou por ouvir os relatos.

A lei Maria da Penha nº 11.340 no artigo 7º, inciso II, apresenta também além de outros tipos de violência:

A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2018).

As manifestações da violência psicológica, são apontadas com caráter de invisibilidade, visto que este tipo de violência não deixa marcas visíveis no corpo da vítima, e envolvem o seu campo subjetivo, emocional e psicológico. Desta forma, se manifesta através de ameaças, humilhações, controle do agressor para com a vítima, provocar medo e intimidação, além de outras manifestações, como o ciúme patológico. Essas ações causam graves consequências, desde sentimentos como tristeza e insegurança na vítima, a quadros de depressão e ansiedade (QUEIROZ; CUNHA, 2018). Para Paiva e Figueredo (2003) o abuso, seja físico ou psicológico, quando presente no relacionamento íntimo, pode causar diversos problemas de saúde, tanto ao corpo quanto a saúde mental, prejudicando a qualidade de vida.

Em pesquisa realizada por Fonseca, Ribeiro e Leal (2012), a violência psicológica surgiu de forma recorrente, sendo encontrada na forma de desprezo, xingamento e humilhações, sendo apontada também que sua ocorrência pode continuar durante todo o período em que a vítima sofre outros tipos de agressões, constituindo o que é chamado de ciclo de violência, sendo a psicológica a que as antecede, estando presente em outras manifestações da violência doméstica. Algumas vítimas, apontam para este tipo de violência como responsável por causar grande sofrimento psíquico, e sobre o seu caráter silencioso.

Para Gadoni-Costa, Zucatti e Dell'aglio (2011), a compreensão das singularidades do fenômeno da violência e das vítimas dela é indispensável para a criação de políticas públicas e melhorias nos serviços especializados para lidar com o problema. Isto leva a necessidade de qualificação e capacitação dos profissionais para manejo com as vítimas quando estas procuram auxílio, pois de forma recorrente acabam por voltar para a situação de violência por não reconhecerem.

Paiva e Figueiredo (2003) apontam que as experiências vividas durante a infância tendem a influir futuramente nas relações que a pessoa estabelece. A relação e o caráter da relação com pessoas significativas vão formando o “self”, assim como a forma que vê a si mesma e aos outros. Ademais, os fatores relacionados ao abuso em relacionamentos estão associados a história do sujeito, tal como os contextos em que se dão, afetando significativamente a visão do que pode ou não ser tolerado por ele.

Ainda segundo Gadoni-Costa, Zucatti e Dell'aglio (2011), a capacidade de reação da mulher é profundamente afetada, visto que a partir dos dados encontrados, algumas mulheres podem ter muito medo de que a situação de violência piore, e outras estão prejudicadas e fragilizadas demais psicologicamente para emitir qualquer reação ou se defender das agressões do parceiro. Além disso, essas questões provocam ainda uma naturalização da ocorrência, o que pode fazer com que as vítimas aceitem mais facilmente a situação.

Como uma das causas da violência psicológica, o ciúme surgiu diversas vezes, tendo sua justificativa no que é aprendido desde cedo por homens e mulheres na sociedade, tendo sua expressão uma relação com o amor, onde é visto que se não há ciúme na relação, não há amor (SIQUEIRA; ROCHA, 2019).

Na literatura analisada, é visto que a violência psicológica surge de forma recorrente, mas de forma muito vinculada a outros tipos de manifestações da violência, como a física e a sexual (GADONI-COSTA; ZUCATTI; DELL'AGLIO, 2011). Por estar fortemente vinculada a outros tipos de violência contra a mulher, encontram-se muitas dificuldades ao se pesquisar esse tipo de violência, principalmente por existir maior enfoque nas questões físicas que nas psicológicas quando se trata do fenômeno da Violência doméstica contra a mulher (SIQUEIRA; ROCHA, 2019).

Um grave problema relacionado a violência psicológica é a subnotificação desta. Conforme as construções sociais das relações entre homens e mulheres, no senso comum é visto que este tipo de violência não compõe razões suficientes para a realização da denúncia, e legitimação da busca por apoio e ajuda, o que faz com que a vítima naturalize a violência, tornando difícil a investigação da violência sofrida e dos seus impactos na saúde da mulher. Além disso, afeta a compreensão da real dimensão desse problema, que perpassa o âmbito privado e afeta toda uma sociedade (JESUS; LIMA, 2018).

5 A VIOLÊNCIA E O PROCESSO DE ADOECIMENTO PSICOLÓGICO DAS VÍTIMAS

Monteiro e Souza (2007), constatam que é possível verificar no discurso de mulheres vítimas de violência, que as manifestações da violência psicológica, tais como a humilhação e sofrimento causado diante de algumas situações de violência do casal, além da vergonha por não conseguir se desvencilhar do parceiro, causam graves consequências à saúde mental da mulher. Essas mulheres, veem sua auto-estima afetada negativamente, com mudanças perceptíveis na forma como passam a se relacionar com os outros.

Dentre os diversos prejuízos que advém da violência contra a mulher, encontra-se principalmente a perda de qualidade de vida, prejuízo na autonomia da mulher e em sua autoestima, na forma como vê a si e aos outros, influenciando consideravelmente em como ela se relaciona (NETTO *et al.*, 2014).

Conforme Siqueira e Rocha (2019), a violência psicológica leva a muitas consequências. Dentre elas destacam-se a perda de qualidade de vida, auto-estima fragilizada e maior vulnerabilidade, o que acarreta uma visão distorcida da vítima, que se vê pouco importante, evitando contato com amigos e familiares. Essas consequências, são responsáveis por desencadear quadros de depressão e ansiedade, resultando em suicídio nos casos mais graves. Dentre outros prejuízos psicológicos, a amnésia e experiências dissociativas tendem a ocorrer em situações de violência contra a mulher, como consequência das agressões sofridas (MOZZAMBANI *et al.* 2011).

Diante do medo de morrer, as vítimas acabam por desenvolver estratégias de adaptação ou enfrentamento, físicas e mentais, que muitas vezes podem agravar a situação por estarem já associadas a um processo de adoecimento. Uma dessas medidas é a paralização, onde a mulher não consegue reagir às agressões, sendo possível que seja uma medida do próprio corpo para sobreviver (MOZZAMBANI *et al.* 2011).

Hatzenberger et al. (2010), apontam que mulheres vítimas de violência, tendem também a desenvolver uma predisposição ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), em razão da exposição contínua as agressões. Conforme Labronici (2012), a fala da mulher e o conhecimento dos seus processos de subjetivação são essenciais no tratamento, visto que o compartilhamento da experiência que desencadeou o trauma pode levar a um processo de atribuição de novos significados, o que demonstra a relevância da visão da vítima sobre o que sofre. Uma consideração importante, refere-se a questão dos significados atribuídos pela vítima ao dano que sofre, que contribui para o desenvolvimento de patologias, pois quanto maior a importância para ela, maior o agravo psicológico (HATZENBERGER et al. 2010).

Segundo Ribeiro, Fonseca e Leal (2012), é possível observar que nas mulheres vítimas de violência psicológica, há grande sofrimento psicológico, sendo que muitas vezes também é presente em seus relatos maior intensidade do sofrimento em comparação a violência física.

Distorção na auto-imagem, auto estima fragilizada, e outras consequências na vida social e econômica foram observados em discursos de mulheres vítimas de violência pelo conjugue na literatura analisada (GUEDES; SILVA; FONSECA, 2009).

A perda de prazer em suas atividades, assim como os traumas causados pelas vivências das agressões para as vítimas, causa sofrimento significativo, o que pode contribuir para o desenvolvimento ou agravamento de patologias e comorbidades (GUEDES; SILVA; FONSECA, 2009).

Em pesquisa realizada por Adeodato *et al.* (2005) com mulheres vítimas de violência por seus parceiros, que relataram ter sofrido em sua maioria agressões verbais e físicas, foi possível verificar que os impactos psicológicos se relacionavam a sintomas somáticos, ansiedade, insônia, distúrbios na esfera social e depressão. Esses dados, revelam que a violência doméstica impacta na saúde mental das mulheres agredidas, sendo importante mencionar ainda a relevância de pesquisas que visem investigar esses impactos em razão do tempo de exposição da vítima às agressões.

Segundo Silva *et al.* (2015), em estudo realizado com mulheres vítimas de violência doméstica no município de João Pessoa, através da análise dos discursos coletados, constataram a presença na fala dessas mulheres de agravos a saúde e de perda de qualidade de vida. De acordo com os achados dos autores, questões relacionadas a saúde mental e física estavam fortemente associadas a violência sofrida, relatada como sendo de forma prevalente a manifestação da violência psicológica precedida da física.

O estudo não apresenta achados de forma isolada quanto as consequências da violência psicológica na saúde mental da mulher, apresentando resultados quanto aos impactos da violência psicológica e física. Dentre os problemas de saúde encontrados por Silva *et al.* (2015), tontura, náuseas, depressão, problemas para dormir, stress, agravos na esfera social dessas mulheres, além da perda de qualidade de vida surgiram nos dados da pesquisa, estando relacionados aos impactos das violências sofridas.

De acordo com Levy e Gomes (2008), a violência psicológica em relacionamentos conjugais, é constituída por agressões verbais, humilhações, e comportamentos que prejudicam a auto-estima da vítima, além de influir na capacidade desta de reagir e decidir. A desqualificação do outro, a anulação do sujeito, são outros danos ocasionados pela violência mencionada.

Segundo Jesus e Lima (2018), são escassas as pesquisas sobre a violência psicológica na área da psicologia, tornando necessária a visibilidade do tema e desenvolvimento de investigações a respeito das repercussões na saúde mental. Diante disso, são poucos os achados a respeito do impacto da violência psicológica de forma isolada de outras manifestações da violência doméstica.

O caráter de invisibilidade é ainda agravado pela atuação de profissionais que baseiam sua prática em senso comum, e não buscam subsídios para tal, qualificações e capacitações para fundamentar o seu fazer. Uma das atribuições mais importantes dos profissionais de saúde que atendem mulheres vítimas de violência, é justamente o de demonstrar que a violência não deve ser vista como algo natural. Apontar as suas características, definir e nomear as situações de violência contra a mulher, cria um espaço de legitimidade, além de fortalecer a busca por formas de saída dessas situações (PEDROSA; ZANELLO, 2016).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que a violência psicológica deixa marcas profundas em suas vítimas, as manifestações desta, encontradas na literatura utilizada para esta pesquisa, são responsáveis por trazerem repercussões negativas para a vida da mulher, consequências que vão desde o adoecimento físico ao psicológico (QUEIROZ; CUNHA, 2018).

A violência doméstica psicológica cometida contra a mulher é responsável por desencadear quadros de adoecimento, afetando significativamente a saúde da mulher, refletindo na qualidade de vida das vítimas. Os agravos à saúde mental da vítima vão desde problemas relacionados a autoestima e insegurança à transtornos mentais, que prejudicam a vida da vítima e suas relações sociais segundo os achados na literatura.

Queiroz e Cunha (2018) apontam ainda sobre a invisibilidade da violência contra a mulher, principalmente a de caráter psicológico. Uma das causas apontadas, refere-se principalmente as relações de desigualdade entre homens e mulheres, onde o espaço privado do casal é visto como intocável pela sociedade, o que acaba por contribuir com um encobertamento de violências.

O trabalho realizado, não tinha por objetivo esgotar as discussões sobre a temática, visto a complexidade do tema e as limitações referentes ao estudo da violência psicológica. A subnotificação é um dos problemas a respeito desse tipo de violência, causado muitas vezes pela falta de conhecimento da própria vítima e por falta de preparo e capacitação de alguns profissionais responsáveis pelo atendimento, seja na delegacia ou nos próprios serviços de

atendimento à saúde. Como limitações desta pesquisa, encontram-se principalmente a escassez de materiais de pesquisa sobre o tipo de violência mencionado. Além disso, esse tipo de violência possui íntima relação com a manifestação de outros tipos de violência doméstica, em razão de estar presente em todo o ciclo de violência, e ser ainda invisibilizada. Ademais, há ainda a limitação quanto as bases de dados utilizadas.

É necessário destacar a importância de mais pesquisas que abordem a violência psicológica no âmbito da saúde mental, principalmente na área da psicologia, tendo em vista tanto o seu entendimento enquanto causadora de adoecimento, quanto com objetivo de buscar políticas mais eficazes no seu enfrentamento, voltadas ao acolhimento das vítimas e empoderamento de mulheres em situação de violência para que possam romper com o ciclo (JESUS; LIMA, 2018).

Por ser uma violência com pouca visibilidade, é importante ainda que a violência psicológica seja discutida levando em consideração os contextos em que ocorre e a perspectiva da vítima, ampliando também os espaços onde são discutidas as temáticas referentes a violência contra a mulher. Torna-se fundamental também a capacitação e qualificação dos profissionais responsáveis pelo atendimento para acolher e legitimar o sofrimento decorrente das agressões, sejam de ordem física ou psicológica, oferecendo um espaço seguro e de legitimação da dor proveniente da violência.

REFERÊNCIAS

ADEODATO, Vanessa Gurgel *et al.* Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista de Saúde Pública** [online], v. 39, n. 1, pp. 108-113, jan. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000100014>. Acesso em: 06 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 04 out. 2021.

CONCEIÇÃO, Thays Berger *et al.* Assimetria e simetria de gênero na violência por parceiro íntimo em pesquisas realizadas no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 23, n. 11, pp. 3597-3607, nov. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.23902016>. Acesso em: 2 out. 2021.

CORREIA, Cíntia Mesquita *et al.* Representaciones sobre suicidio de mujeres con historia de violencia domestica e intento de suicidio. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online]. Florianópolis, v. 23, n. 01, pp. 118-125, jan-mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072014000100014>. Acesso em: 2 out. 2021.

- COUTO, Vinicius Assis *et al.* Intersetorialidade e ações de combate à violência contra a mulher. **Revista Estudos Feministas** [online]. Florianópolis, v. 26, n. 2, jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n245859>. Acesso em: 2 out. 2021.
- CRUZ, Mércia Santos; IRFFI, Guilherme. Qual o efeito da violência contra a mulher brasileira na autopercepção da saúde? **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 24, n. 7, pp. 2531-2542, jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018247.23162017>. Acesso em: 3 jun. 2021.
- DAY, Vivian Peres *et al.* Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul** [online]. Rio Grande do Sul, v. 25, pp. 9-21, abr. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082003000400003>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- DURAND, Julia Garcia *et al.* Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. **Revista de Saúde Pública** [online], v. 45, n. 2, pp. 355-364, abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102011005000004>. Acesso em: 5 out. 2021.
- FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia SoaresBarbosa. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia Social**. Belo Horizonte, v. 24, n. 2, pág. 307-314, ago. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 de mai. 2021.
- GADONI-COSTA, Lila Maria; ZUCATTI, Ana Paula Noronha; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. **Estudos de psicologia**. Campinas, v. 28, n. 2, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200009>. Acesso em: 27 nov. 2021.
- GIL, Antonio Carlos, 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antonio Carlos Gil. – [2 Reimpr.]. – 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2018
- GUEDES, Rebeca Nunes; SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcanti da; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. **Escola Anna Nery Revista de enfermagem** [online], v. 13, n. 3, pp. 625-631, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000300024>. Acesso em: 27 nov. 2021.
- GUIMARÃES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. **Psicologia & Sociedade** [online], v. 27, n. 2, pp. 256-266, Ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p256>. Acesso em: 2 out. 2021.
- HATZENBERGER, Roberta *et al.* Transtorno de estresse pós-traumático e prejuízos cognitivos em mulheres vítimas de violência pelo parceiro íntimo. **Ciências e cognição**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 94-110, ago. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2021.

JESUS, Gedalva Bispo de.; LIMA, Thiago Cavalcante. Mulher vítima de violência psicológica: contribuições clínicas da terapia cognitivo-comportamental. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 114–119, jan. 2018. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1640>. Acesso em: 6 nov. 2021.

LABRONICI, Liliana Maria. Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online]. Florianópolis, v. 21, n. 3, pp.625-632, set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000300018>. Acesso em: 27 nov. 2021.

LEVY, Lídia; GOMES, Isabel Cristina. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. **Psicologia Clínica** [online]. Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, pp. 163-172, jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000200012>. Acesso em: 06 nov. 2021.

LIRA, Kalline Flávia Silva de. Relações de gênero, poder e violência contra as mulheres: um estudo sobre o Sertão brasileiro. **La ventana**, Guadalajara, v. 6, n. 50, p. 331-362, jul. 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-94362019000200331&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 03 jun. 2021.

MARCOLINO, Emanuella de Castro *et al.* O distanciamento social em tempos de Covid-19: uma análise de seus rebatimentos em torno da violência doméstica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online], v. 25, n. Supl. 1, abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.200363>. Acesso em: 2 out. 2021.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; SOUZA, Ivis Emilia de Oliveira. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online]. Florianópolis, v. 16, n. 1, pp. 26-31, mar. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072007000100003>. Acesso em: 06 nov. 2021.

MOZZAMBANI, Adriana Cristine Fonseca *et al.* Gravidade psicopatológica em mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul** [online]. Rio Grande do Sul, v. 33, n. 1, pp. 43-47, mai. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082011005000007>. Acesso em: 01 nov. 2021.

NETTO, Leônidas de Albuquerque *et al.* Violence against women and its consequences. **Acta Paulista de Enfermagem** [online], v. 27, n. 5, pp. 458-464, set.-out., 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201400075>. Acesso em: 3 Jun. 2021.

PAIVA, Carla; FIGUEIREDO, Bárbara. Abuso no contexto de relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. **Psicologia, Saúde e Doenças**, vol. 4, n. 2, pp.165-184, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36240201>. Acesso em: 27 nov. 2021.

PEDROSA, Mariana; ZANELLO, Valeska. (In) visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental 1 Apoio: CNPq. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. Brasília, v. 32, n. spe, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne214>. Epub 27 Mar 2017. Acesso em: 2 out. 2021.

QUEIROZ, Rosana Ataíde de; CUNHA, Tania Andrade Rocha. A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória. **Revista NUPEM** [online], v. 10, n. 20, mai. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/nupem.v10i20.310>. Acesso em: 2 out. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu** [online]. N. 16, pp. 115-136, mar. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>. Epub 11 Mar 2009. Acesso em: 1 out. 2021.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online], v. 11, n. 21, pp. 93-103, abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SILVA, Susan de Alencar *et al.* Análise da violência doméstica na saúde das mulheres. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**. São Paulo, v. 25, n. 2, p. 182-186, dez. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2021.

SILVEIRA, Raquel da Silva; NARDI, Henrique Caetano; SPINDLER, Giselle. Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. **Psicologia & Sociedade** [online], v. 26, n. 2, pp. 323-334, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000200009>. Acesso em: 2 out. 2021.

SIQUEIRA, Camila Alves; ROCHA, Ellen Sue Soares. Violência Psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 2, n. 1, 2019. <https://doi.org/https://doi.org/10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n1p12-23>. Acesso em: 27 nov. 2021.

SOUSA, Ane Karine Alkmim de; NOGUEIRA, Denismar Alves; GRADIM, Clícia Valim Côrtes. Perfil da violência doméstica e familiar contra a mulher em um município de Minas Gerais, Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, pp. 425-431, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/kb5ZrpKBCQz7svZDT59W4tf/?lang=pt#>. Acesso em: 05 out. 2021.

ZALESKI, Marcos *et al.* Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. **Revista de Saúde Pública** [online], v. 44, n. 1, pp. 53-59, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000100006>. Acesso em: 06 nov. 2021.

ZANCAN, Natália; WASSERMANN, Virginia; LIMA, Gabriela Quadros de. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. **Pensando famílias**. Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 63-76, jul. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 nov. 2021.